

atravessavam a Hespanha, fazendo recear grandes catástrofes, acabavam de ser o tema da nossa conversação, no momento de se receber essa comunicação evangélica.

Profundo conhecedor do movimento moral da humanidade, êle desvanece as nossas dúvidas e acalma os nossos temores, falando-nos da lei do progresso, para o qual concorrem êsses abalos sociais que aterraram os homens.

Em testemunho de suas palavras, êle fala-nos dos ensinos da história; mas, de um traço, faz-nos compreender a insuficiência da nossa história — e a existência de outra maior — mas universal — mais digna da criação: a de todas as humanidades que *se movem e se desenvolvem nas imensas campinas do infinito*.

Essa é a criação digna de Deus: um universo cheio de inteligências, de adorações e de vida, e não o insignificante planeta em que habitamos, até hoje considerado como obra privilegiada da Suprema Inteligência.

15.^a

JULHO DE 1873

“Enchei vossos corações de fé e de esperança.

Porque se refletem em vossas palavras o desânimo e a dúvida?

Porventura precisais, para vos mostrardes animosos e fortes, de legiões de homens que vos assistam e defendam?

Temeis!... Para crêr, sem olhar para traz, aguardais que ronque o trovão e caia o raio?

Vacilais!... Ah! vêde que o vosso valor é o dos que não têm fé: Vêde que essa fé é a dos cobardes.

Prossegui em vossa obra e regosijai-vos, porque é a obra dos discípulos e precursores do Espírito da Verdade, eleitos nos eternos conselhos do Altíssimo.

Não sereis, não podeis ser filhos pródigos dos dons que o Pai vos tem concedido.

Não vos orgulheis, nem seria prudente encher-vos de vaidade, porque o passado e o porvir são uns livros fechados a vossos olhos velados pela matéria.

Avante, irmãos meus queridos — virtude, perseverança e fé.

O que quiserdes dar-se-vos-á. Na casa do Pai há moradas sempre cheias de luz e de amor, onde os Espíritos vôam no puríssimo ambiente da eterna felicidade, onde se realizam todas as harmonias da alma, onde se confundem todas as vontades numa única vontade, todos os sentimentos em um único sentimento, todas as felicidades na felicidade inefável do amor, do amor dos amores.

Santo Agostinho.”

No princípio dos nossos estudos teóricos e práticos acerca do Espiritismo, realizava-se em nós uma luta acerba, cujas diversas alternativas se refletiam em nossos atos e em nossas palavras. Em presença dos fatos e ante a lógica dos princípios, a fé apoderava-se de nós e nos impelia, á voz da consciência, pela senda do dever; mas, outra voz, a das recordações das crenças em que se haviam nutrido os nossos corações, entibiava o nosso valor, e as dúvidas nos tomavam e nos faziam vacilar.

Os costumes lutavam, em nós, com a realidade — os sectários dos ensinos de Roma lutavam com o cristão — e o temor com a convicção.

Talvez, se não fôssem as frequentes inspirações que, do alto, nos vinham fortalecer e alentar, tivéssemos sucumbido e abandonado a gloriosa empresa; felizmente, porém, essas inspirações vieram, e a vitória coroou os nossos esforços.

Essa vitória nos condenava ás sátiras de uns e á

perseguição e maldição de outros; não obstante, porém, o sacrifício estava feito; á aprovação e ás bênçãos dos homens, antepuzemos a aprovação da conciência e a bênção de Deus.

16.^a

JULHO DE 1873

“Meus irmãos, filhos como eu do Pai Espiritual que está no Céu. Marchai com passo firme, sem dúvida nem vacilações, pelo caminho encetado, em cujo termo se encontra a luz regeneradora dos mundos e a paz dos Espíritos.

Se alguém na Terra vos disser: “eu sou a eterna verdade”, cerrai os vossos ouvidos, porque a verdade imutável é o sol que brilha sobre as moradas da Cidade Santa.

Porque Roma quis usurpar a pérola que orna o divino diadema, é que estão contados os seus dias. Seus esforços são as supremas agonias da morte. O orgulho blasfemou de Deus e ousou levantar outro deus, mas soprou o vento das alturas, e o deus do orgulho, que era de barro, caiu reduzido a pó.

Vereis cumpridas estas palavras.

Continuemos, irmãos. O cristianismo romano não é o cristianismo estabelecido por Jesus e pregado pelos Apóstolos e pelos Padres dos primeiros séculos da Igreja; é um ramo decaido do grande tronco do catolicismo, já quasi morto, porque perdeu o elemento essencial de vida — a seiva da humildade e do amor. Porque os pastores não cuidaram, como deviam, de suas ovelhas, e buscaram a sombra e o ocio, anda o rebanho disperso e á ventura, aniquilado pelo cansaço e sufocado pelo calor, em busca do cristalino manancial que há de restabelecer sua esperança e refazer suas fôrças.

Compadeciei-vos dêsses guardas obsecados em um positivismo demasiado egoísta e terreno — e rogai por

elos. Perderam a confiança do Pai de família — e não se sentarão á sua mesa, entre os escolhidos, enquanto todas as ovelhas, sem falta de uma, não tiverem chegado salvias ao redil.

Não olvideis jámais estas verdades.

Seguirão as fugitivas pégadas da ovelha perdida — e passarão os dias e os anos. Sofrerão angústias e grandes temores — o desalento apoderar-se-lhes-á da alma — a noite os surpreenderá no bosque — os rigores do estio, no areal — a tempestade, no deserto.

Não sofrerá, por sua causa, a pobresita ovelha?

Bendigamos todos a Deus, em seus sapientíssimos desígnios.

Fenelon.”

Tinha versado a nossa conversação sobre o dogma da infalibilidade, decretado pelo último concílio ecumênico.

Sem ódio, sem paixão, sem animosidade de espécie alguma, antes, pelo contrário, com todo o respeito que merecem as decisões das autoridades e das corporações sábias, cada um de nós havia manifestado o seu modo de sentir a respeito dêsses assunto.

Terminada a pacífica discussão, ou antes, a exposição de nossas apreciações particulares, desejavamos obter um raio de luz superior no assunto, e a luz nos veiu por meio do imortal Fenelon.

Permita o céu que não seja ela repelida pelos que dirigem a não do cristianismo oficial. Permita o céu que os pastores, em cujo número devemos considerar todos os que, por sua ilustração, podem servir de guias aos demais, abandonem a sombra e o ócio — e córram, pressurosos, á salvação do rebanho, que se perde nos despenhadeiros do materialismo e nos desertos do indiferentismo religioso.